



Artistas de Paris: M.^{elle} LINA RUBY

(«Cliché» Henri Manuel)

Lisboa, 31 de Julho de 1916

II série — N.º 545

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha:	Trimestre 1\$20 ctv.
	Semestre 2\$40 ..
	Ano 4\$80 ..
Numero avulso, 10 centavos	

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas médicas. Existem excepções e uma d'elas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um inteligente e habil velhote, William Rice. Depois de ter sofrido durante bastantes anos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as c. asses de hernias com o malor resultado, pois li-caram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.^a já tenha lido nos Jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.^a já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.^a a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como ele e centenas de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efectua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessárias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem igual, que se remetem sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ela necessitam se aproveitarão d'esta generosa oferta. É sufficiente encher o coupon incluzo e enviar-o pelo correio á direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....

Endereço.....



◊ Epil'vite
◊ Epil'vite
◊ Epil'vite

CREME DEPILATORIO pronto a empregar. Eleito garantido. Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.

Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. — Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos.

REPRESENTANTE: JULES DELIGANT
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

Compra e venda de propriedades
HIPOTEGAS
Em Lisboa e provincias

Trata: A. GOMES DA SILVA
R. Augusta, 229, 2.º LISBOA

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA.

TELEPH: Nº 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE

21, Rue du Faubourg Montmartra

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades.

Ver na quarta-feira proxima o

Suplemento de Modas & Bordados (Do SECULO)

Preço: 2 centavos

Companhia do Papel do Prado

SOLIDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contínua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

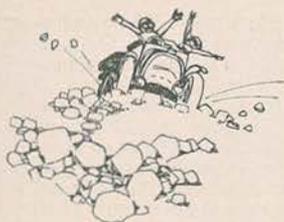
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CHA HORNIMAN
EM PACOTES
UM SECULO DE EXITO UNIVERSAL



Estradas portuguesas

Não pudemos ir à parada de Montalvo, mas sabemos como tudo se passou, não só pelos jornaes, mas por testemunhas oculares. Foi um delírio de entusiasmo e de patriotismo, na opinião de toda a gente, embora as testemunhas a que nos referimos, amigos nossos dos mais íntimos, e que tinham feito a viagem de Lisboa a Tancos e vice-versa, de automovel, manifestassem no regresso um mau humor á primeira vista inexplicavel. É a par de esse estado de espirito, que não se harmonisava com as palavras de louvor com que celebravam o espectáculo inolvidavel, o seu estado físico também não era de invejar: tres dias



estiveram de cama os tais amigos, como se voltassem de uma verdadeira batalha onde tivessem sido feridos.

Voltavam, na realidade; batalha com as estradas, luta de teimosia entre os automoveis e o cascalho, os abismos, as deformações davia publica.

A sensação dos desgraçados era a de quem houvesse atravessado um mar tempestuoso, em casca de noz, e a bordo tivesse levado um cento de varadas.

E' bom que os pretores olhem por coisas mínimas, uma vez por outra.

Os usurarios nas repartições do Estado

Graças a uma benemerita campanha do *Seculo*, tomaram-se providencias para evitar que os agiotes recebam nas tesourarias os ordenados dos funcionarios publicos, que lhes empenham os recibos. Que as providencias não foram completamente eficazes, dizem-nos varios reclamantes, mas que os funcionarios publicos, faltando-lhes o feroz auxilio do usurario, não sabem a que recorrer no difficil momento actual, também é certo.



O lavrador, o comerciante, o industrial, o operario, etc. resolvem o problema aumentando o preço dos generos ou o do salario; o empregado publico, porém, que é um produtor de trabalho como outro qualquer, ha de cingir-se ao que o Estado lhe dá. Ora se o Estado quer efetivamente valer a quem o serve — e diga o que disser a má lingua caseira — a grande maioria dos funcionarios serve-o conscienciosamente e ás vezes até excessivamente, não necessita de promulgar medidas de difficil execução; pague bem a quem trabalha bem e cessam todos os clamores.

Subtilezas diplomaticas

Parece que nas chancelarias se deu grande importancia ao facto do principe Alberto, de Monaco, ter visitado em Italia, com poucos dias de intervalo, o rei Vitor Manuel e sua santidade Benedito XV. De ha muito que se espreitava o procedimento dos monarchas quando se dirigiam a Roma, para de ele deduzir não sabemos que complicada consequencia; talvez a de que o visitante considerava o rei de Italia e o papa com eguaes direitos, se havia egualdade de contumelias.

E' certo que o principe Alberto não visitou Vitor Manuel na capital, mas ainda assim a diplomacia

passou momentos de anciedade amarga, na expectativa. Final sua alteza fez a dupla visita e, que saibamos, não se deu modificação sensivel na face do globo. O que pode acontecer é que Vitor Manuel pague a visita pessoalmente e Benedito XV limitou-se a enviar um secretario e a benção. Nem por isso o principe de Monaco se julgará desconsiderado, verão.

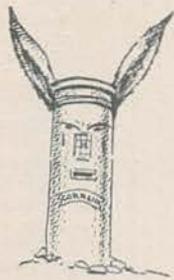
Velocidade electrica

Um dia d'estes foi expedido de Aldegalega para Lisboa, ao *Seculo*, um telegrama, que levou 15 horas a chegar ao seu destino. O *Seculo* comentou o caso humoristicamente, e fez bem, porque a indignação incomoda o indignado e coisa alguma remedeia, e nós, a proposito, vamos revelar um facto que nos contaram como verdadeiro, mas que pôde ser mentiroso, como muito desejamos a bem do nosso patriotismo.

Em tempos, quando os correios não tinham a organização actual, alguém dirigiu uma carta de Lisboa para certa aldeia da Extremadura, afastada da capital e aqui desconhecida. A carta, depois de varios giros pelo paiz, voltou á estação de procedencia e ali um funcionario de rara illustração escreveu no sobrescrito a palavra «França».

Foi a carta para França, mas ai teve curta demora. Passados poucos dias dava novamente entrada na repartição expedidora, com a seguinte nota, na qual substituímos por iniciaes os nomes das povoações para não provocar investigação escusada, passados tantos anos: *P. distrito de S. concelho de V. N., freguezia de F. Portugal*.

E isto são os francezes, que nem por isso passam por muito entendidos em geografia!



As bruzas

Solicita-se em letra redonda e estilo autoritario o castigo de varias damas que exploram o publico lendo sinas, adivinhando o passado e predizendo o futuro. Aprovam até, as que assinam taes artigos, o proceder da Inquisição, que as queimava por terem pacto com o diabo, e se agora não pedem tanto, chamam, contudo, a atenção da policia e exigem a supressão, se não das criaturas, da profissão, pelo menos.



De accordo estamos quando essas pitonisas aterrorizam os consientes com predições desagradaveis. Mas isso quasi nunca acontece; pelo contrario, a mulher faz o possivel para que os clientes fiquem satisfeitos, pinta-lhes destinos maravilhosos e tem todo o cuidado em não criar uma desillusão, que seria mal paga, enquanto que não ha ninguem que não retribua generosamente uma promessa de felicidade.

Não; não as persigamos pelas suas mentiras, quando estas sejam doces.

O que se deve fazer é antes agradecer-lhes por tentarem demorar a hora dos desenganos.



A DAMA DO MANTELETE

(Episódio romântico)

Evidentemente, ela amava o coronel. Bastava vê-la, no fim do jantar, no largo terraço em frente do hotel, onde os hóspedes repousavam a digestão e a vista pelas doces e ternas melancolias da paisagem, para ter a certeza de que n'aquela peito descarnado floria uma paixão. Estou a vê-la: era magra, quase in-

sexual, com esse indefinido aspecto de certas mulheres, que tanto podem ter vinte como cinquenta anos. Usava sempre sobre os ombros um mantelete de rendas; tinha um penteado alto, romântico, complicado; vestia de escuro, com liturgia e gravidade. Parecia uma dama antiga arrancada ao fundo de um velho quadro. Toda a sua figura, olheironta e nostálgica, denunciava a chamada «creatura poética». Trazia sempre consigo um livro—e uma cadelinha. Vi uma vez o título de um dos livros. Era o *Jocelyn*, de Lamartine. Lia passeando os olhos ardentes e embevecidos pelos versos e erguendo-os de vez em quando ao céu e ás avesinhas. Era n'uma ou outra d'essas magoadas fugas de inspiração lírica que a vista lhe pousava no coronel que, em frente, dardejava sobre ela uma paixão turva, concentrada, quieta, cofiando, ao mesmo tempo, os bigodes imensos, que desciam, em cortinado e em caramanchão, sobre a boca. E compreendia-se, na realidade, que esses bigodes, em cujas profundidades se adivinhavam segredos e mistérios de floresta, interessassem sinceramente, pelo que n'eles havia de paisagem, aquela alma contemplativa de mulher.

Estavam assim horas. Sobre o imenso vale, que o terraço do hotel dominava, o luar descia o seu veu de prata. E a dama do mantelete lia Lamartine á sombra dos bigodes do coronel—enquanto este moradia nos lábios o eterno charuto dos coronéis. Ás dez horas, ela erguia-se, abaixava suntuosamente a cabeça, aconchegava a capa, chamava a *Fly*, que adormecera, e, seguida pela criada, subia, como uma castelã, as escadas do primeiro andar e recolhida ao quarto.

N'este enlevo, cheio de continência e de respeito, decorreram os vinte dias do tratamento termal. Na última semana, esta paixão singular teve a acrescental-a um novo pormenor sentimental: um pequeno passeio á hora maguada do entardecer, na estrada coberta de sombras e de verduras. A cachorrinha saltava á frente da dama do mantelete; dois metros atrás seguia a criada e, á respectiva distancia militar, os bigodes solitários do coronel marchando, frondosos, solenes e calados.

Uma noite, não pude conter-me e n'um momento em que ele, de longe, sózinho, contemplava, no terraço, a janella ainda iluminada de Julieta, abeirei-me do seu busto impavido e amoroso, bati-lhe no hombro marcial e disse:

—Se o coronel a ama, porque não lhe fala?

—Oh! não! rouquejaram, empalidecendo, os seus bigodes mais taciturnos ainda na noite estrelada, sem luar.

—Então, escreva-lhe...

—Nunca! Seria banal...

Dois dias depois, no salão, o coronel aproximou-se de mim e segredou-me, com uma mal disfarçada comição na voz:

—Vae-se amanhã embora.

—Quem? interroguei eu, estupidamente.

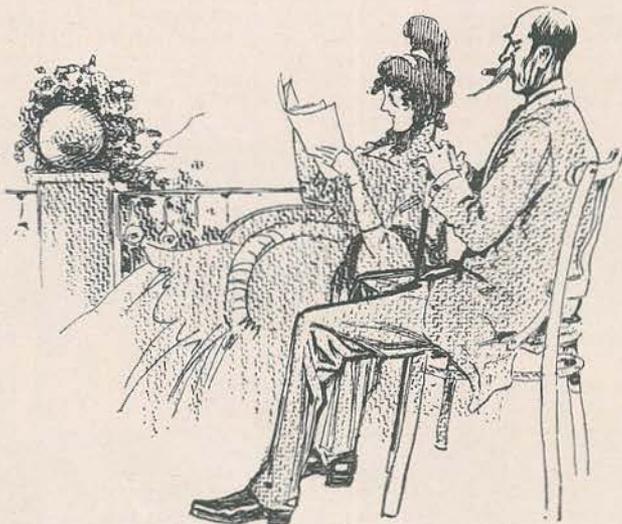
—Ela. Disse-me o gerente.

E desapareceu.

Procurei-o ainda, por toda a parte. Não o encontrei. Ninguém me soube dar noticias d'ele. Onde estaria escondido, a essa hora, o drama d'aquela coração alanceado?

Deitei-me tarde, n'essa noite. O hotel repousava. Á porta do quarto da dama do mantelete havia uma mala, já fechada. Á porta do quarto do coronel, um par de botas por engraxar. Já na cama, procurei um livro para fatigar o espirito. Reli uma dúzia de paginas d'um velho romance e apaguei a luz. Adormeci. Mal tinha tido escassamente tempo para passar pelo sono, quando um vivo reboliço no corredor me despertou. Saltei para o chão. Sentí o ruído, primeiro indistinto, depois nítido, de portas alvoroçadas que se abriam, vozes assustadas que chamavam, repiques de campainhas, passos, gritos. Abri também a porta do meu quarto. Um homem, em pijama, gritava «Fogo!», correndo, desabaladamente, com um castiçal na mão. O corredor, de subito, encheu-se de vultos, sombras brancas, alarme. E, n'um momento, como n'um torvelinho imenso, o hotel acordou, estremunhado. Saí também, correndo, do meu quarto e esbarrei logo com um lençol tremulo que fugia, berrando como um possesso. Era o Noronha, comendador e pae de duas meninas loiras, que largava a comenda e as filhas e, embrulhado na roupa da cama, abalava a clamar: «Salvem-se! Salvem-se!» E dava, ele proprio, o exemplo com denodo.

Sem ter tempo de refletir, sem procurar saber o



que se passava, voltei n'um salto ao meu quarto, enchi uma mala pequena com o que tinha de valor, mais á mão, e fugi também. Para onde? Atraz de toda aquela gente que, em panico, corria para o



patamar da escada. Ai, parei. Havia já um magote de hospedes que discutiam.

— O fogo rebentou lá em baixo, na cosinha.

— Não. O fogo vem do outro lado. Deve ter sido na sala de bilhar. Alguma ponta de cigarro.

Uma senhora, despenteada e em chinelas, desmaiava, a um lado, com espalhafato. Surgiram logo copos d'agua, regadores, jarros — e, sem perda de um minuto, começámos todos, ao mesmo tempo, a burrifal-a... Assim, encharcada, a senhora deu um grito maior, teve um estremeção mais violento e despertou. N'esta altura, de fato de flanela clara, flôr ao peito, descalço, aflito, surgiu o gerente do hotel, seguido por dois criados.

— Não se assustem! Não se assustem!

— Mas onde é o fogo, sr. Mota?

— Não se assustem, meus senhores. Ainda não se sabe. Por enquanto sente-se apenas o fumo. Já percorremos todo o rez-do-chão, as caves. Nada! Não ha perigo! Não se assustem — e espalmava no chão os pés suados, ageitando o cravo que trazia na lapela.

— Eu, ao saltar da cama — dizia uma senhora que estivera para desmaiar, mas desistira, em face do aguaceiro que vitimára a outra hospeda — senti perfeitamente o chão em braza. Tenho a certeza de que o fogo é por baixo do meu quarto.

— Ha fumo, minhas senhoras. Por enquanto só ha fumo!

E o gerente do hotel abalava pelo corredor, seguido pelos criados, armados de baldes.

Do outro lado, surgiu então, em braços, uma figura esguia, como morta. Amparava-a, arrastava-a, transportava-a um homem espadado, hirtó, grave, Olhei. Era a dama do mantelete, em fralda. Estava, finalmente, sem mantelete: ossuda, esguia, transparente. Uma leve hipotese branca cobria-lhe a escultura descarnada, decotando-lhe os ossos do peito e caindo até abaixo dos joelhos. As pernas dançavam no ar, penduradas e esgalgadas. Estava em camisa de dormir. (Foi essa — aqui, entre parentesis, — a unica vez em que a vi vestida com uma certa atualidade.)

O homem que a protegia e segurava era o coronel.

O gerente regressava — com o seu sequito de baldes.

— Então? perguntámos, anciosos.

— Dei-em-se estar, deixem-se estar aí! E' curioso. Não ha maneira de dar com o incendio. E' apenas fumo.

E, efetivamente, a fumarada subia, crescia em ondas tenues, pelo corredor.

Hospedes mais afoitos seguiram o gerente.

— Cuidado! Está frio.

Ante a minha vista maravilhada, a dama do mantelete descerrou os olhos, deu com o coronel e, n'um grito enorme de pudor e sobresalto, agachou-se-lhe toda debaixo dos bigodes.

! — Salvou-me! Foi o senhor quem me salvou!

Os bigodes estremeçeram, e ergueram-se, caíram, silenciosos. Ela soltou um novo grito e uma palavra aflita saiu-lhe dos labios:

— *Fly!* Salve a *Fly!*

E desabou outra vez no deliquio.

O coronel aprumou-se, encostou-a com cuidados infinitos n'uma cadeira, de encontro á parede — e avançou intrepido, rompendo pela fumarada.

N'isto ouviu-se um rumor maior. A voz do gerente clamava:

— O fumo sae d'aqui, d'este quarto. Abram esta porta.

Fez-se um silencio. Um minuto, dois. E eis que o gerente surge, barafustando.

— Bem me queria parecer! Qual incendio! Era só fumo! Ora aqui está o grande fogo — e soltou uma gargalhada estrondosa, exibindo um par de piugas grossas e chamuscadas, de onde se elevava uma fumaça espessa.

O coronel regressava com a cadelinha ao colo. O gerente saiu-lhe ao caminho.

— Ora, com franqueza, sr. coronel! Alarmar toda a gente por causa d'isto!

E explicou-nos:

— Acho que o sr. coronel lavou este par de piugas na bacia da cara epôl-o a secar, ao pé da lamparina que estava n'uma cadeira. O fogo comunicou-se ás meias encharcadas e ahí está a razão da fumarada!

O coronel estacou, funesto.

— Mente! Acordei com o quarto cheio de fumo. Foi quasi asfiziado que vim, á porta chamar...

E largou a *Fly* no chão.

* * *

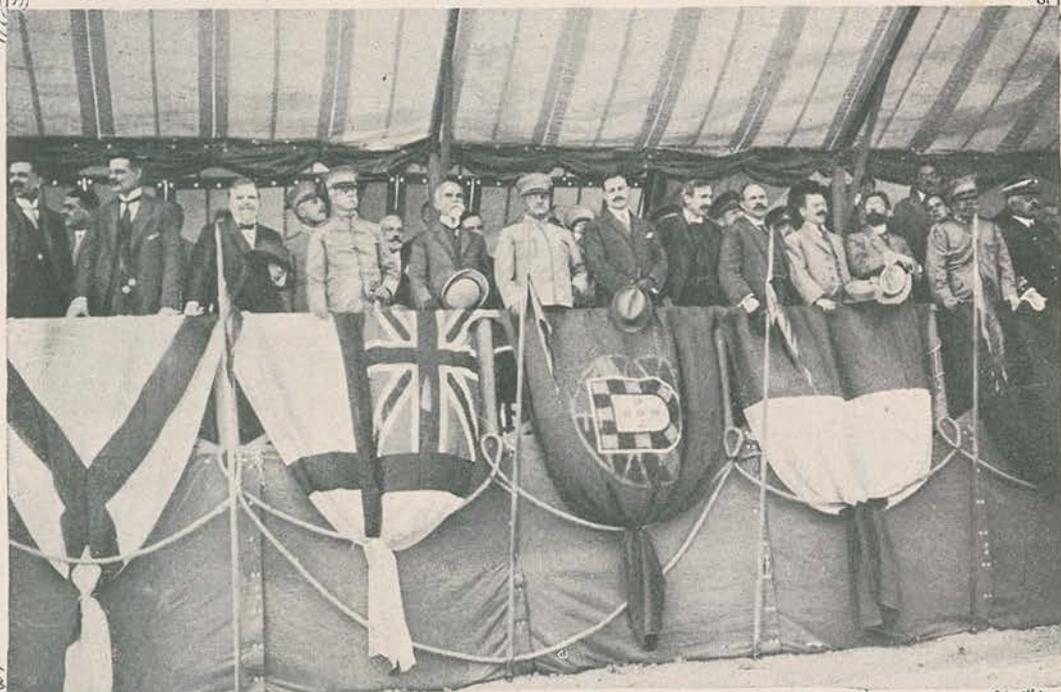
Foi assim, á romantica luz do incendio d'um par de piugas, que aqueles dois corações poeticos se enlaçaram.

Sei que casaram e vivem hoje em Santo Tirso.



Augusto de Castro.

PORTUGAL NA GUERRA



Em Montalvo.—A tribuna de onde assistiram ao desfilhar das tropas o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, tendo á sua direita o presidente do Senado, general sr. Correia Barreto, o sr. dr. Antonio José d'Almeida, presidente do governo, e á esquerda o major sr. Norton de Matos, ministro da guerra, o presidente da Camara dos Deputados, sr. dr. Manuel Monteiro e outros membros do governo e officiaes da guarnição

A grande parada de Montalvo, em que entraram todas as forças concentradas em Tancos, é talvez o facto mais brilhante da nossa historia militar dos ultimos anos. Por esse resultado assombroso de tão pouco tempo de exercicio, avaliou-se bem de quanto é capaz o nosso soldado quando se sabe falar-lhe aos brios e ao patriotismo, quando ele dá em mãos organisadoras e firmes e tem um bom comando a quem obedeça.

A grandiosa manifestação de força, de disciplina e de garbo marcial, a que no dia 22 assistiram os srs. presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da guerra, ministros das nações aliadas, adidos militares e muitos officiaes do nosso exercito e da nossa



Um dos automoveis que conduziu a Montalvo alguns membros do corpo diplomatico, vendose o ministro da Belgica com sua esposa, o ministro da Inglaterra e o ministro da Russia, acompanhados pelo sr. dr. Antonio Macieira

armada, vibrou tão fortemente na alma dos portuguezes, como na dos estrangeiros unidos hoje a nós, interessando-se pelos nossos meios de defeza como pelos seus deante da força brutal que quer subverter os direitos dos povos, enfudando os pequenos ao seu despotismo e á sua ambição.

Que empolgante espectáculo não foi esse! Que fremito de admiração e de entusiasmo não ganhou quantos presenciaram os movimentos, ora cadenciados, ora vertiginosos, d'essa soberba massa humana, passando perante a tribuna, reluzente de metaes sob a primeira ardençia dos caniculares e produzindo o rumor



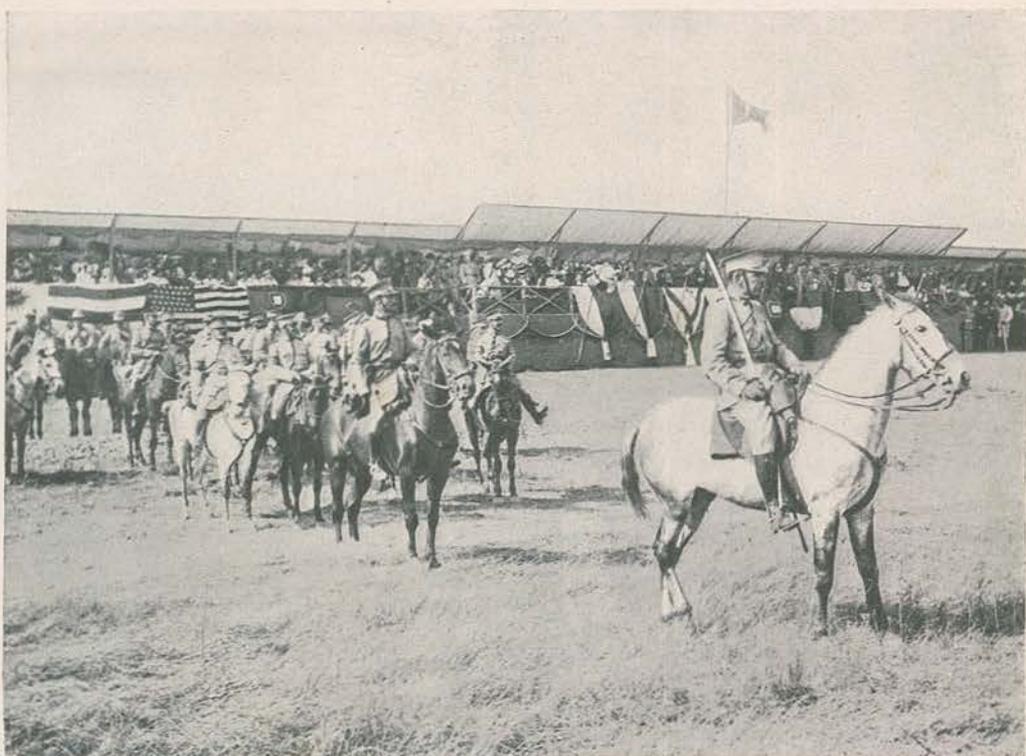
Em Montalvo. — O sr. presidente da Republica, acompanhado do sr. ministro da guerra, passando revista às tropas

imponente e avassalante do mar! Que misteriosa ligação moral se não notava entre esses 20:000 homens e os seus superiores hierarquicos, parecendo um só homem, e entre eles e o

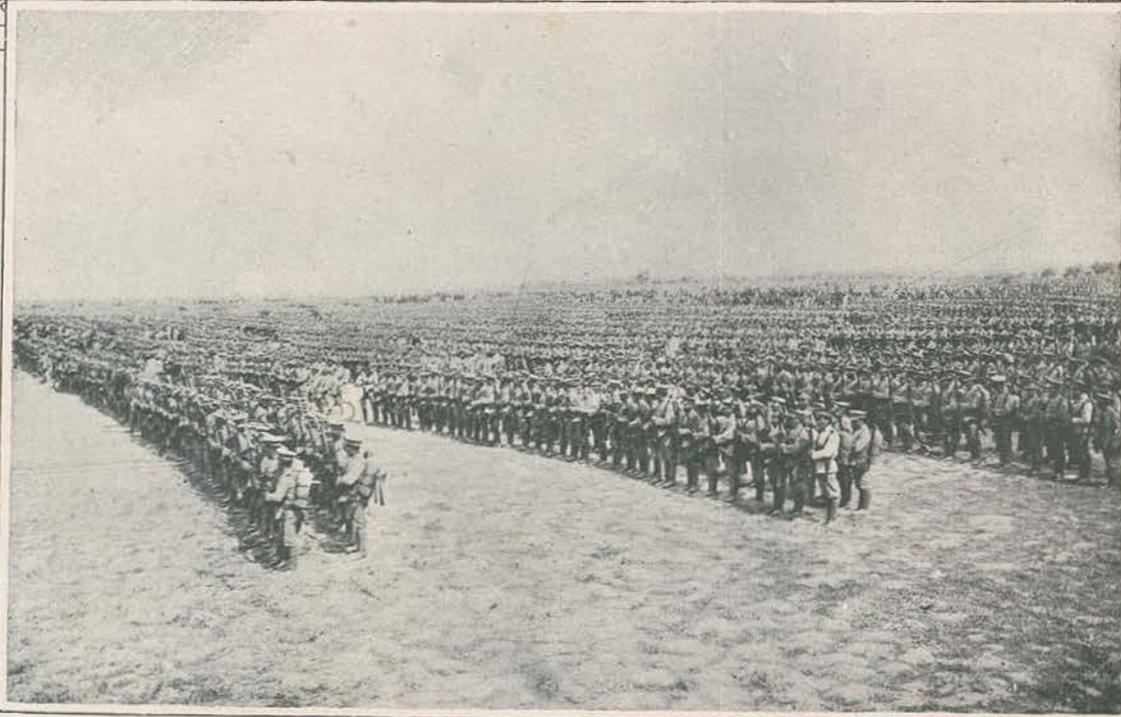
chefe do Estado que, do alto da sua tribuna, correspondia á continencia com enternecido desvanecimento e o orgulho legitimo de presidir aos destinos de um paiz como este!



A artilharia desfilando em frente da tribuna presidencial



O general comandante da divisão de instrução, com o seu estado maior, assistindo ao desfilar das tropas.



As tropas apresentando armas na ocasião em que o sr. presidente da Republica lhes passava a revista



A formatura d'um regimento antes do exercício

Sentia-se que, se toda aquela gente tivesse, em seguida á parada, de se lançar contra o inimigo, não haveria muralha de aço que lhe aguentasse o primeiro embate. Adextrára-a o exercício, dera-lhe unidade a disciplina, avigorrára-a a confiança em si e nos seus comandantes; mas havia uma coisa que a galvanisava, que lhe dava uma alma nova: era saber-se



2. Carro conduzindo batatas para o acampamento—3. Entrincheiramento para a infantaria



Em Tancos.—Uma enfermaria do hospital

compreendida e apreciada por todos os que, grandes e pequenos, assistiam ao seu desfilar; era o ver nos olhos d'elles o faiscar intenso de

uma fé, sem a qual não ha vitoria possivel por mais valente e bem armado que seja o braço.



Um avanço da Infantaria

(Clichés Benoitel enviado especial da *Ilustração Portuguesa* a Tancos)—(Reprodução interdita)—Publicação autorizada por S. Ex.^a o ministro da guerra.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continua a marcha vitoriosa dos ingleses em toda a sua larga frente de batalha com os alemães. Depois que tomaram a ofensiva nunca mais recuaram um metro e vão sempre consolidando de uma maneira admirável a sua penetração nas linhas de defeza inimigas.

O esforço da Grã-Bretanha conseguiu dissipar qualquer dúvida que ainda pudesse haver sobre o pleno triunfo dos aliados. A investida das tropas inglesas é o resultado de uma preparação serena, metódica, segura. O labor incessante e progressivo dos seus estaleiros e das suas fabricas de munições, o desenvolvimento da sua aviação militar, que tem dizimado a alemã a ponto d'esta



Aeroplano Ingles pronto a partir

necessario e sem se prender com quaesquer reparos na demora. Chegou o momento de um ataque definitivo e em toda a linha, rompeu com denodo, na certeza de que ha de sair d'ele como entrou, gloriosamente.

ter desistido dos seus atrevidos «raids», a sua navegação submarina que está hoje garantindo o percurso de muitos pontos do oceano, até agora infestado da pirataria germanica, a organização de novos corpos de exercito, — em tudo isso é que se apoia a confiança da sua ofensiva.

Gente fleugmatica e ponderada, sem precipitações nem arrancos de momento, preparou-se com o tempo



Esquadrilha de aeroplanos Ingleses preparando-se para partirem para a vigilancia dos mares
Clichés gentilmente oferecidos pelo illustre ministro da Inglaterra em Lisboa).

A CORRIDA PARA A MORTE



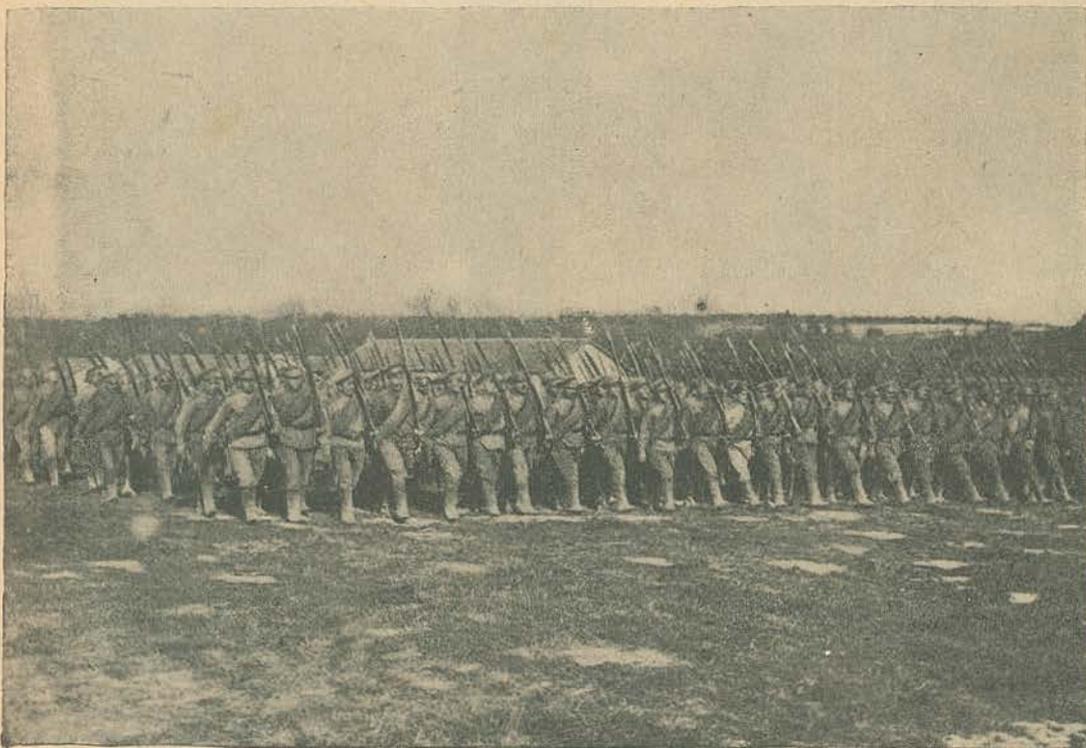
E' indispensavel manter a todo o transe as comunicações entre os postos na linha de batalha, e só pelo telefone se pôde conseguir, porque os pombos correios constituem um meio muito contingente e os sinais opticos quasi nulos. Mas para isso é preciso reparar as linhas constantemente cortadas, e os homens que andam n'esse serviço, através do explodir da metralha, dos vapores asfixiantes, etc., correm com estolicismo a uma morte certa.—(Desenho de Ferreira da Costa).



Um balão cativo francez em observação



Duas sentinelas, uma russa e outra franceza no campo de Maylil.



Os russos em marcha para a frente franceza

(Clichés da secção fotografica do exercito francez).



Prisioneiros alemães feitos pelos ingleses no memorável combate de Saint Eloi e que se mostram muito satisfeitos por não terem já que recelar novos combates.

Em Salon'ca. — Os alemães, turcos e bulgaros parecem ter desistido de atacar Salonica. A velha cidade grega, que

tão conhecida se tem tornado depois da ocupação dos aliados, recebe quasi todas as semanas novos reforços de tropas, encontrando-se hoje n'umas condições admiráveis de defeza.

Tambem da China ali desembarcaram bons contingentes, que causavam a melhor impressão nas tropas europeas pelo seu porte militar e pela firmeza dos seus movimentos. São os annamitas da Cochim-China, constituindo um belo nucleo da infantaria da marinha colonial franceza.

como amigos velhos, com os seus camaradas europeus, que promoveram depois varias manifes-

A fotografia, que reproduzimos, representa a ocasião do desembarque, ao qual assistiu uma grande parte da guarnição de Salonica, muitos dos seus habitantes e povos dos arredores, que aclamaram ruidosamente os annamitas. Estes corresponderam-lhes com entusiasmo e não tardaram a confraternisar,



Tropas da Cochim-China, desembarcadas em Salonica (Clíchés gentilmente oferecidos pelo Ilustre ministro da Inglaterra em Lisboa).

tações de simpatia em honra dos recém-chegados.



A FILHA DO BANDIDO

A Cruz Magalhães.

*Vae em busca do pae, essa creança
Palida e triste, anemica e franzina,
Que lembra, tão despida de esperança,
A rosa emurchecida da campina.*

*Vae só. A estrada é solitaria, escura.
Lá n'um atalho, onde o terror habita,
De repente ela pára, treme e grita,
Que mão estranha os pulsos lhe segura.*

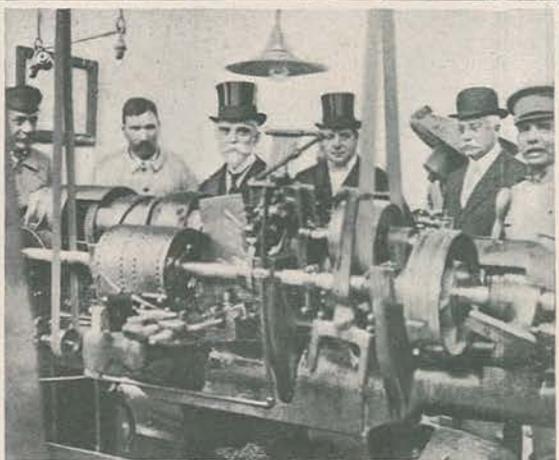
*«A bolsa, ou vida» alguém lhe brada, erguendo
O punhal assassino. Ela, tremendo,
De susto quasi morta, espavorida,*

*A chorar, disse, conhecendo a fala:
—Sou pobre, a bolsa não a tenho, a vida...
Tu m'a déste, meu pae, podes tira-la.*

COSTA ALEGRE

Este formosíssimo soneto é extraído do belo livro **Versos**, de Costa Alegre, em que o distinto escritor e também inspirado poeta, sr. Cruz Magalhães, colheu com mão piedosa e um grande espírito de justiça, a obra do seu inditoso amigo, revertendo o produto da venda de toda a edição para a *Caixa de Socorros a Estudantes Pobres*.

Visita do sr. presidente da Republica á fabrica de polvora, em Chelas

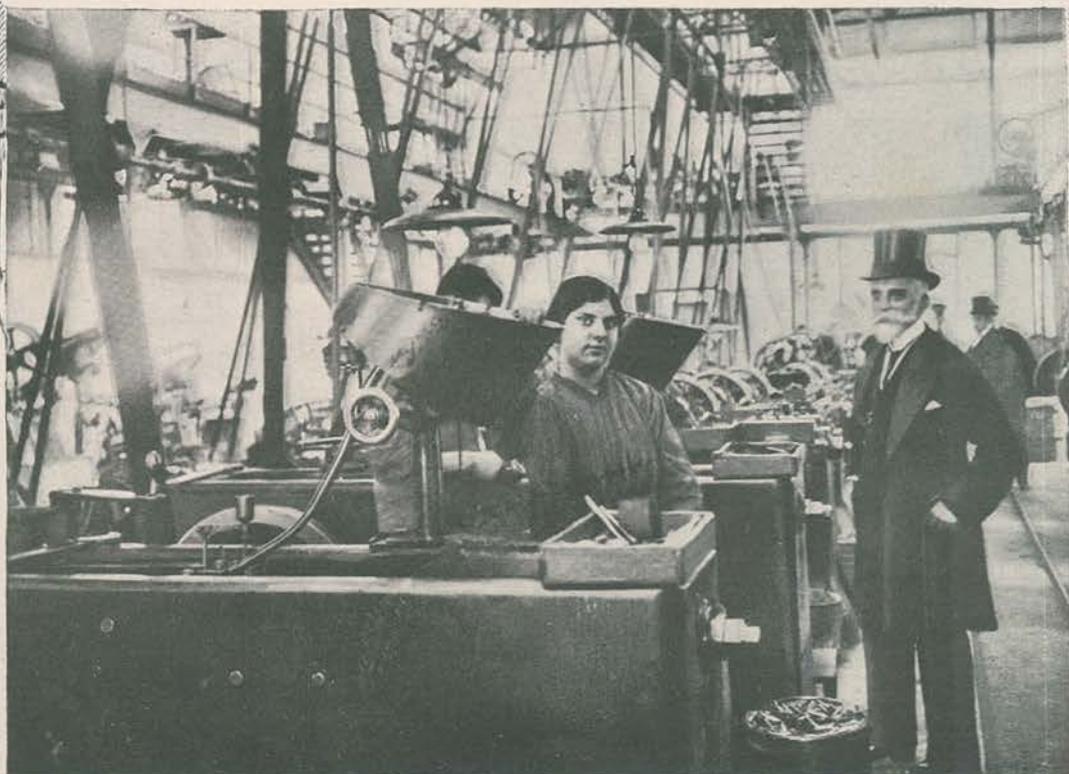


O sr. presidente da Republica, tendo á sua direita o general sr. Correla Barreto, diretor do Arsenal do Exercito, e á esquerda o ministro da guerra, sr. Norton de Matos

O sr. presidente da Republica vendo o funcionamento de uma maquina

Sem ser esperado, o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, acompanhado do major sr. Norton de Matos, ministro da guerra, visitou as bellissimas instalações da fabrica de polvora em Chelas, visita que teve de fazer em duas tardes para mais minuciosamente apreciar todos os mecanismos modernos com que a fabrica foi

dotada para corresponder ao aperfeiçoamento do trabalho que n'ela se produz. Tanto o chefe do Estado como o sr. ministro da guerra elogiaram o general sr. Correla Barreto, diretor do Arsenal do Exercito, pela boa ordem e disciplina que tiveram ocasião de avaliar em tão importante estabelecimento.

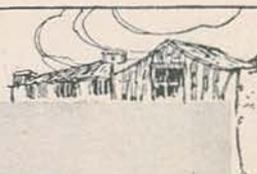


O sr. presidente da Republica falando a uma das operarias da officina de cartuchame

O PORTO DE HONTEM E DE HOJE

Ao sr. dr. Ricardo Jorge
«tripeiro» dos mais ilustres.

Meu velho e saudoso burgo!...
Terra da minha infan-
cia, onde as melhores ho-



Os Ferros-Velhos (Feira da Ladra)



Ef.icações novas no local da Feira da Ladra

justa de Anatole France, «as cidades não são mais do que livros, lindos livros com estampas em que se vêem os nossos avós.»

Ah! o que diriam eles hoje, saídos de um concerto na *Sociedade Filarmónica* ou de uma partida de pacato dominó no *Botiquim das Hortas*, se vissem amorticada a luz fumarenta dos seus lampiões pelo fulgor das mangas alemãs de incandescencia no caminho do velho botequim para a rua das Flores, rua de ourives e mercadores que foi, desde a sua fundação no seculo XVI, a preferida das pessoas gradas para sua residencia?

ras da minha vida decorreram, nobre e leal cidade que o vulgo, ignorante do significado honroso da alcu-

me, hoje, como hontem, as cidades continuam a transformar-se. Não as deixa o Destino envelhecer como aos homens, mas deixa-as desgraçadamente envilecer com as sucessivas profanações dos alveneis municipaes a tantos cobres por empreitada, entre nuvens de poeira e derrocadas de velhas traves e ancestraes pedregulhos que falavam do passado morto, livro de



A «Memória» do Bolhão

nha, desprezivelmente denominou «tripeira», decididamente desconheço-te, ignoro-te, desde as ultimas ferias que no teu seio me decorreram ha um ano, fugidias como um clarão de relampago...

Já no meu tempo de menino e moço o camaroto irreverente da municipalidade entrára de derruir boa parte das tuas velharias, queridas á minha saudade, esquecido de que, na frase



Fachada do novo mercado do Bolhão que substituiu a «Memória»

pedra cujas estampas, em que os nossos avós figuravam a mão ímpia do homem vae rasgando.

O meu querido Porto já não é o Porto da minha mocidade, o Porto que foi meu e dos meus companheiros de desceidada alegria, e, no entanto, a bem dizer, ha pouco tempo o deixei e os anos de vida ligeira me deixaram.

Restam-te hoje poucos bairros excéntricos que não tardarão a desaparecer: a velha rua Armenia, onde decorre a ação de um dos mais belos romances de Camilo; o antiquissimo Ar-



Entrada da rua 31 de Janeiro

fícios! Parte do convento, na época em que Camilo o immortalisava nas mais sentidas paginas que a sua pena traçou, servia de salão de baile a marujos e rascões ribeirinhas, e hoje, reparado á pressa, abriga fardos de cortiça para exportação e os maquinismos complicados, ruidosos e agressivos de uma fabrica não sei de quê! O antigo convento de S. Bento de Ave-Maria é hoje uma sumptuosa estação central da linha ferrea.

Em vez dos canticos religiosos das monjas que o som



Aspeto antigo da rua 31 de Janeiro



A desaparecida Feira do Pão

co de Sant'Ana, a ingreme cascata das Escadinhas das Verdades, o Largo dos Grilos, recanto minhoto alcandorado sobre o Douro que seria uma pura paisagem de aldeia sem a egreja, sumptuosa de mais, que o domina; as ruinas da capela do Covêlo que as lutas fraticidas de *Perros* e *Malhados* arrazaram, e esse poetico convento de Monchique de onde a sofredora Tezera de Albuquerque, do *Amor de Perdição*, viu afastar-se para a eternidade da ausencia a nau que levava para o degredo o seu muito amado Simão. Triste destino o dos velhos edi-

grave do orgão acompanhava, em vez dos *outeiros* tão graciosos, obrigados aos pastelinhos e licores de especial fabrico do mosteiro, os silvos estridulos das locomotivas e o constante estrondear das placas giratorias da linha. O ôlho vermelho, oftalmico, dos faroes de sinaes, substituiu o tremeluzir das lampadadas suspensas na egreja das profundezas do teto, todo em talha de ouro, que o fumo dos comboios, dia e noite baforado pela bocarra misteriosa de tres tuneis, dir-se-ia ter enegrecido para sempre.

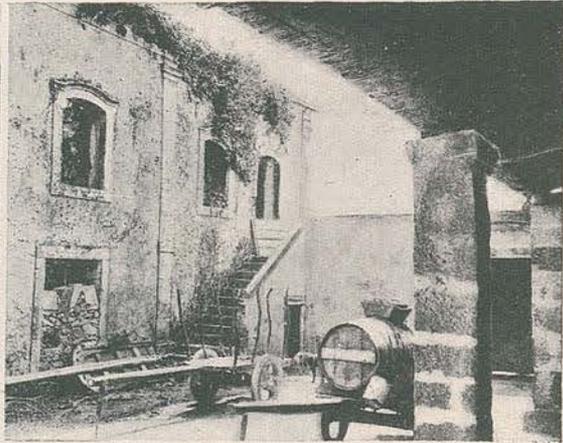
E comtudo o drama humano ainda ali sub-



A praça Guilherme Gomes Fernandes, onde foi a Feira do Pão



A velha cidade: O largo dos Grilos



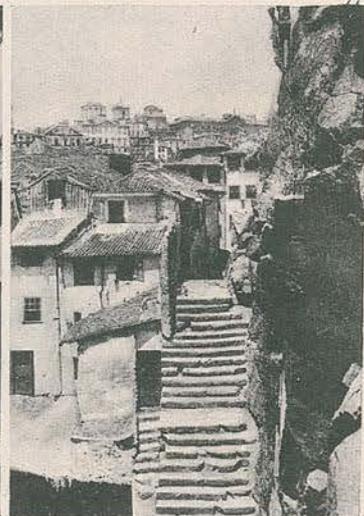
Ruínas da capela do Covêlo



Arco de Sant'Ana



A rua Armenia



Escadinhas das Verdades



Convento de Monchique, hoje transformado em armazens e n'uma fabrica



O antigo mercado do Anjo, hoje remodelado



Um aspecto da estação dos caminhos de ferro que substituiu o convento



Convento de S. Bento de Ave-Maria, hoje desaparecido
 cadas pelas rêxas invulneráveis das celas, aos suspiros impotentes dos poetas, ás tragedias de amor que uma fonte ali perto contava baixinho, de noite, a horas mortas, á lua e ás estrelas, na sua linguagem tão triste, tão triste de agua corrente...

Eu ainda conheci o convento, bebi da agua fresca d'esta fonte que secou de saudades das suas queridas freirinhas, e brinquei no largo fronteir de que os serigueiros da rua do Loureiro, da rua Chã e da suja rua Armenia todas as tardes faziam obreiro estadio rodopiando as rodas lustrosas dos seus tóscos engenhos, e bejei as sandalias de uma santa de carn , uma monja mumificada, que á igreja atraía multidão de fieis e fatura de oferendas.

Quanta saudade!

Hoje, com os primeiros cabelos brancos, vem-me o pezar enorme da evocação de tudo isso que desapareceu, de todas essas visões da infancia que uma pseudo-civilização me roubou.

E assim, rejuvenescida, modificada, estragada a minha terra, debalde os municipios tentarão impingir-m'a como nova em folha, de cabelos pintados e dentadura falsa, cheia de montões de caliça, de traves pódres e esboroados pedregulhos, testemunhas emudecidas de um passado que foi grande, incomparavelmente mais generoso e mais belo que o presente.

Eu preferia-a velhinha, encanecida pelas injurias do tempo, mas sempre nobre e leal na comovedora evocação da sua Historia tão cheia de extraordinarias belezas e valorosas figuras...

Oldemiro Cesar.



O extinto teatro D. Afonso

siste, desaparecidos embora os poetas dos outeiros, as monjas amorosas, a madre abadessa e a sua caixa de rapé e o seu lenço de ramagens comprado na feira da Cordoaria, e os tachos espevitados, as creadas das freiras muito astuciosas nos recadinhos de amor e servieças na distribuição de gulodices aos concorrentes lambareiros da grade.

A ancia dos que hoje partem para o imprevisito das longas viagens e a saudade dos que ficam equivale bem ás paixões de hontem sufo-



O outro teatro que substituiu o antigo

EXCURSÃO DO "NUCLEO" DOS EMPREGADOS DE COMERCIO DO PORTO



Grupo de excursionistas junto do mosteiro de Leça do Ballo



Dois professores do Nucleo, os srs. Armando Gonçalves e dr. Jaime de Vasconcelos.

conferencia, na qual poz em evidencia as belezas inigualaveis d'aquela pedação de terra, que é banhado pelo mais formosissimo rio de Portugal.

Correu animadissima a excursão que o «Nucleo Instructivo dos Empregados de Comercio do Porto» realisou á lindissima e pitoresca vila de Leça do Baillo, tão rica de lendas amorosas e até de tradições historicas que a enobrecem.

A excursão foi de estudo e por isso não poderia o nucleo promotor ter acertado com melhor cenario. E tanto assim que o professor sr. dr. Jaime de Vasconcelos escolheu o antigo mosteiro de Leça para ali realizar uma



A comissão executiva do Nucleo com os professores srs. Armando Gonçalves e dr. Jaime de Vasconcelos.

ASTHMATICOS
Desanimados !

o Pó DE ABYSSINIA EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.
ALLIVIA instantaneamente
Cada anno milhares de doentes

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ia}
6, Rue Dombasle, Paris.



TRABALHOS TIPOGRAFICOS

EM
TODOS OS GENEROS

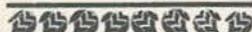
Fazem-se nas

OFICINAS

DA

"Ilustração Portuguesa"

R. DO SEculo. 43—LISBOA



CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington - UMC tem esta garantia de con-

fiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio do Amazonas
LEE & VILLELA OTTO KUHLLEN
Caixa Postal 420, São Paulo Caixa Postal 20 A.
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manaus

Agente em Portugal: G. Héctor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

O passado, o presente e o futuro

REVELADO FELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valcinos. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarro-les, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onoe foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

MAIZENA

Pudim de "Maizena"



Sabeis que uma sobremesa pode ser leve e delicada—muito facil de fazer—e, ao mesmo tempo pode encerrar excellentes qualidades nutritivas? As VERDADEIRAS sobremesas preparam-se com "Maizena."

PUDIM DE MAIZENA COM LIMÃO

Deite-se o sumo e a casca ralada de dois limões em seis onças de açúcar e tres de "Maizena" e dissolva-se bem em agua fria. Deite-se quantinho e meio de leite fervendo, mexendo-o até ficar basto. Retire-se do fogo e deite-se-lhe uma onça de manteiga e quatro ovos; leve-se novamente ao fogo, tendo o cuidado de o não deixar queimar; retire-se quando esteja espesso e, em seguida, encha-se algumas taças ou moldes já humedecidos com agua fria e poderão ser immediatamente despejados. Nata e açúcar, ou qualquer molho doce, são preferíveis.

NATIONAL STARCH CO.

New York, E. U.

Á venda em todas as lojas de generos alimentícios da paiz



PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão á venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1915 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo efeito.

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do índice e frontispicio respectivo.

Administração d'O SEculo

RUA DO SEculo, 43

LISBOA



COLGATE'S TALC POWDER



Pó de Talc Colgate

(COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes vantagens o pó d'arroz.

Indispensavel na higiene das creanças e na toilette dos adultos.



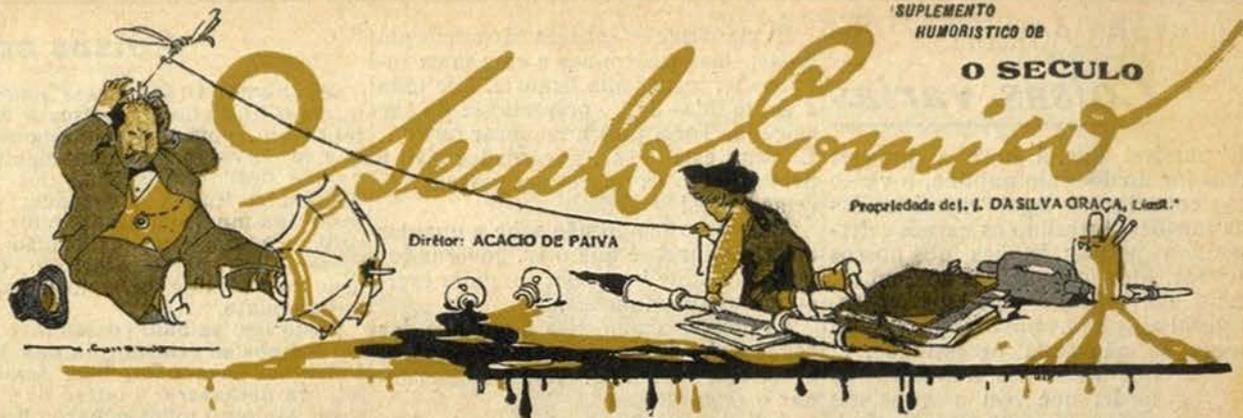
A venda em todos os bons estabelecimentos.

Contra 6 centavos em estampilhas será enviada uma amostra pelos Agentes Geraes.

Sociedade Luzo-Americana dos Estabelecimentos

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, LT.^{DA}

Rua da Prata, 145 - LISBOA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

DEPENANDO A AGUIA



Preparativos culinarios

para a canja da paz.

PALESTRA AMENA

Coisas varias

E' possivel que, á hora a que este jornal fôr do dominio publico, o verão tenha entrado no legal exercicio das suas funções, torrando as carnes e derretendo as poucas banhas dos nossos patricios. Até agora, graças ao Senhor, o estio tem brilhado pela sua ausencia quasi absoluta, pois raro é o dia em que se não sinta necessidade, aí por volta das oito horas da tarde, que vem a ser as seis antigas e as 5,30 antiquissimas, de vestir um sobretudo para não se andar por essas ruas a bater o queixo.

Ha frio, frio a valer e nevoeiros e humidades que enregelam as carnes e vão instalar nos ossos do infeliz lisboeta o maldito reumatismo, que é um dos peores flagelos que pôde apoquentar a humanidade.

Decididamente, para tudo andar fóra dos eixos, até o tempo está destrambelhado, fazendo o que lhe vem á senil cabeça, sem se importar com as obrigações que tem de cumprir para comnosco, simples particulares, e para com os senhores agricultores, que querem sol na eira e chuva no nabal em certa época e vice-versa em outra época também certa, senão veem para os jornaes, atribuindo os desregramentos do tempo a manejos do sr. Afonso Costa, a intrigas do sr. Brito Camacho, a complacencias do sr. Antonio José de Almeida e á politica anti-patriotica do sr. Moreira de Almeida.

O que tem graça, mesmo muitissima graça, é que os jornalistas, os poetas e os simples verbaes, continuam lançando aos quatro ventos que isto é um paiz ideal no que toca a temperatura. Bem diz o ditado, que dá Deus frio conforme a roupa.

A respeito de subsistencias...
A respeito de subsistencias, isto vai bem, coronel Malhão!

O copo de cacau que tomamos todas as noites passou de tres a quatro vintens e, segundo nos informaram, a isca sem elas passou de vintem a trinta réis e a com elas de trinta réis a meio tostão.

De maneira que a comida dos pobres — não se trata apenas de iscas, o bacalhau está também a seis tostões — passou a ser comida de ricos. Bem, seja.

Mas que demonio comerão agora os pobres?

Palavra que isto não é chuchadeira, nem nós a iamos fazer em tão grave assunto. Mas por mais que matutemos, não atinamos com a solução do enigma... Que demonio comerão os

pobres?

Um par de botas está por sete escudos e sete escudos e meio. Saltou então para estes ultimos cinco tostões n'um instante, graças ás ordens terminantes do sr. governador civil para que vendedores de jornaes e cauteleiros andem calçados.

E' claro que os rapazes não compram botas; mas pedem-nas e com tanta insistencia, com tanta lamuria, que toda a gente lh'as dá... privando-se do seu calçado. Toca, pois a comprar outro... E aqui está o sr. governador civil a perseguir... os pobres nas pessoas dos remediados!

Mas, se o tempo não sabe a quantas anda, natural é que o sr. governador civil não atine bem com o regular exercicio das suas funções.

Explicado como fica o milagre dos rapazes dos jornaes andarem calçados, é natural que s. ex.^a venha a determinar o seguinte:

Artigo tal—Os vendedores dos jornaes deverão andar calçados... com as botas dos freguezes.

N'esse dia é possivel que também o verão tome a resolução de nos fazer bufar e suar as estopinhas.

João Ripanso.

Perigo do alcoolismo



—Não é possivel calcular os perigos do alcoolismo!

—A quem o sr. o diz? Hontem, o meu criado ia deitando fogo á casa quando acendia uma lamparina de espirito de vinho.

Os AZES

Agora também o Jardim Zoologico tem a sua coleção de amigos. Não se vá julgar que se trata de bichos: são realmente pessoas amigas do Jardim Zoologico.

Esta nova legião é conhecida, segundo os jornaes pelos AZ.

Um AZ já ofereceu ao Jardim um hipopotamo.

Os outros AZES não ofereceram nada.

São azes que... se metem em copas.

DE FÓRA

Soror Mariana

A doce portugueza que o meu ser
Mais lhe apraz consagrar, apaixonado,
Não fol á guerra nem se fez soldado
N'um épico d. sejo de vencer.

Aquela que eu mais lembro com prazer
E' soror Mariana Alcoforado;
Ao menos esta mostra ter amado,
Compreendido a missão que a fez viver.

E se ela d'um francez se enamorou
E o seu peito amoroso, embora esquivo,
Os portuguezes breve d. spreizou,

Descobre-se, bem rapido, o motivo:
Ha muitos anos que isto se passou,
E n'esse tempo inda eu não era vivo.

BRAMÃO D'ALMEIDA.

Coisas nosas

Má lingua dirão vossas mercês, ao lerem o titulo *Coisas nosas* e ao profetisarem, com essa intelligencia de que se envaldecem justamente, que vamos descobrir alguns dos nossos pôdres. Má lingua é verdade; mas a medicina moderna ainda não substituiu o caustico por medicação menos violenta e o velho aforismo «o que arde cura» é hoje de aconselhar, como antigamente.

Posto isto saibam vossas mercês que em tempos se criaram alguns logares florestaes para os quaes, segundo a lei, era necessario o curso de silvicultura. Até aqui todos acharão bem, tanto mais que nos parece que os logares eram precisamente de silvicultores.

Ora, como nas nossas escolas não havia cur-o de silvicultura, resolveu o governo subsidiar certo numero de individuos, habilitados com cursos superiores, para irem frequentar a silvicultura em Nancy. E isto acharão vossas mercês que também foi muito bem pensado.

Partiram os rapazes subsidiados, fizeram o seu curso com aquela applicação e esperteza que distingue os portuguezes onde quer que se encontrem, e tres anos depois voltaram, completamente diplomados, na intenção de preencher os logarsinhos.

Agora, que imaginam vossas mercês que tinha acontecido n'estes tres anos? Apenas isto: O governo tinha preenchido os ditos logares... por individuos que não possuíam o curso.

Isto era d'antes. Agora é coisa parecida.

Pobres homens

O sr. ministro da instrução determinou que se enviasse uma circular aos professores primarios recomendando-lhes que se devem abster de se imiscuir demasiadamente na politica.

Querem que os pobres homens se abstenham de tudo. Eles que chegam a ponto de se abster de almoçar e jantar.

Só lhes falta o Amilcar de Sousa á perna.

Mentira

Um jornal estrangeiro afirma que a Alemanha gasta rios de dinheiro com certa imprensa do paiz visinho, para que esta se lhe mostre favoravel. Fala em 250.000 francos.

Aí está uma coisa que não acreditamos. Já é vontade de mentir!

Basta uma pessoa ter dois dedos de raciocinio para vêr que devem ser marcos.

CORRIGINDO



—Mas que bestas que nós somos!
—Homem, fala no singular.
—Tens razão. Mas que besta que tu és!

EM FOCO

(CASTELO BRANCO)

É este o professor da Indumentaria, «Costumier», se diz em francezia, Com quem a minha musa reinadia. A's vezes tem brincado, em rima varia.

Agora á mesma deusa milionaria Apraz oferecer esta poesia Ao dito, pelo brilho e fantasia Em certa peça, que ha-de ser lendaria.

Não sei dizer qual é, se farça ou drama, Se é teatro moderno, se é antigo, Se «Cast. los no ar» ela se chama;

Somente que é lindissima, vos digo, E a geraram dois pandegos de fama, Um, pelo menos, muito meu amigo...

BELMIRO



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Mulher d'um hanjo

Lá avriu o Republica este vrão cuma pe-sa de dois rapazes munto simpategos cujo nume não me alembra; um é açim a modos Chuvalbaco ó coisa par-sida i o outro tanho debaicho da lingua. Fazeram pois uma pessa xamada *Castelos nu ar* qué toda xeia de flusufias i uns dizem qué revista, outros fábola, outros mágeca, outros upreta—imfim, é a istoira du noço çubrinho cando teve a irdansa du pai que Deus tem, ce julgou munto rico i foi currer mundo. Alembraсте? paçado um ano istava oitra vez im Peras Rulvas i casavaçe cum a prima, que teve mais ciso ca ele i cum a métade du dinheiro quele le dechou cum-prou um cazal i ómentou que era um gosto vello.

Ce gusei da pessa, préguntarás tu. O' filha! pois não have-ra de gar! Imagina cus ótores ção tão mès

amigos que in cada noite quella se arre-presentava me da-vam uma vò ma-quia de maça; gusei já ce çabe i oitras que vanham açim.

Canto ó desimpa-nho o prencpal foi o ceguinte, que te bou dezer pur balo-res bisto istarmos in tempo de iza-mes:

Pernas da Luz Belosa.	15 valores
Carinha da Alvertina de Ullveira.....	15 "
Telha da Anglla.....	16 "
Grassa du Jaquim Costa.....	18 "
Ido, da Barbra.....	17 "
Vuzelrão du Rafael....	13 "
Voz da Xustina.....	14 "
Ido da Salsicha.....	12 "
Tipus du Martins dus Santos.....	13 "

Pur falta de minoira não sito oitros intrepétes diguenos de menssão. I cumo u açunto é milindroso cun is o nan te infado mais i ponho ponto cun um sódoso bejo

Du teu cempre marido

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Peras Rulvas

Melhoramentos de Lisboa

Parece que a Camara Municipal não pôde com uma gata por aquele sitio que os senhores sabem, não é verdade? Pois consta que vae transformar de tal modo as margens do Tejo que ficam um assombro. Deixarão até de ser margens!

Por emquanto o que está planeado é simples: a estatua de D José vai ser removida para cima da torre de Bellem, o edificio da Cordoaria passa para o interior da estação do Caes do Sodré; os Jeronimos mudam-se para a Outra Banda e o Lazareto para esta, etc. Mas quando se encetarem obras de mais vulto, como por exemplo a mudança da séde da Companhia do Gaz para a 3.ª repartição da Camara Municipal, sempre havemos de vêr onde se ha-de ir buscar dinholro que che-gue para tanto!

OS GRANDES HUMORISTAS

O ar'igo do sr. Bloque

O nosso respeitavel amigo, sr. John William Bloque, de Virginia City, en-tou hontem a hora avançada da noite na redação cuja chefia me está confia-da na ausencia do dir'eor.

A sua attitude era a de um homem profundamente acabrunhado. Dando um grande suspiro, depôz sobre a mi-nha mesa uns tantos quartos de papel, retrocedeu até á porta, e uma vez ali, tentou pronunciar algumas palavras de despedida. Só pôde dizer com voz entrecortada:

—Triste e espantoso acontecimento, meus amigos!

Vimo-lo depois enxugar os olhos, fazer uma reverencia muda e deslisar pela porta sem fazer o menor ruido.

De tal modo nos comoveu a cena, que ninguém se atreveu a chamar o sr. Bloque e a dirigir-lhe as costumadas frases de condolencia.

O jornal estava na maquina, mas compreendendo a importancia que de-avia ter o artigo do nosso colaborador e desejando que a publicação d'aquele seu autografo levasse doces consola-ções ao seu coração lacerado, suspen-demos a tiragem e inserimos as linhas seguintes:

"Triste acontecimento

Hontem de tarde, ás seis, e no mo-mento em que o sr. William Schuyser, um antigo e respeitavel cidadão de South Park, saía do seu domicilio para dar um passeio segundo o costume de ha muitos anos, e que só interrompeu poucos dias na primavera de 1850, por se ter visto obrigado a ficar de cama em consequencia de lesões recebidas

quando detinha um cavallo desbocado, ante o qual se colocou imprudentemen-te, levantando os braços e gritando, com o que aumentou o espanto do cor-cel, que longe de moderar a sua des-enfreada carreira a acelerou em termos fantasticos, causando enorme susto á sogra do sr. Shyles, que, por casuali-dade presenciava o caso, e dizemos por casualidade, porque a boa senhora costuma sempre estar longe de sitios onde haja perigo, no que se diferencia absolutamente da mãe do sr. Shyles, dama intrepida que faleceu n'um in-cendio ocorrido em fins de 1849, e que destruiu tudo o que a veneranda se-nhora possuia. Mas—assim é a vida! sirva-nos de exemplo esse aconteci-mento e procedamos de maneira que estejamos sempre em disposição de morrer na graça de Deus. Ponhamos a mão sobre o coração, e comprometamo-nos solenemente a abster-nos de abusar no futuro de toda a bebida alcoolica."

O redator em chefe acaba de entrar no meu gabinete e o seu aspeto é de almar o espirito mais sereno. Desafoga a sua indignação dando murros sobre a mesa, arrancando os poucos cabelos que lhe restam, e injuriando-me como a um vulgar gatuno.

Diz-me que sempre que me confia a direção do jornal, ainda que seja apenas por meia hora, me deixo embarri-lhar pelo primeiro imbecil que me apparece. Acrescenta que o desastrado ar-tigo do sr. Bloque é um acervo de bernardices, que não tem senso comum, que não presta para nada considerado como simples noticia, e que eu não de-avia ter suspendido a tiragem do jornal para inserir semelhante baboseira.

(Continúa).

PARA SE NÃO IR COMBATER

(Continuação do 2.º episódio da 7.ª parte do PÉ FATAL)



1. Manecas, uma vez ao serviço da Companhia do Olho do Gaz Vivo, descobre que na direcção existem disfarçados, membros do Estado Maior boche.



2. O fim dos boches é impedir a nossa participação na guerra e para isso os seus assalariados fazem gaz de agua, envenenando a população.



3. Então Manecas dirige-se aos directores e diz-lhes que tem melhor maneira de acabar com os lisboetas.



4. A qual maneira é provocar intermitências na luz, de modo que as pessoas, com os tremeliques da iluminação, fiquem sofrendo de ataques nervosos.



5. Assim acontece, ficando os alfacinhas catricegos e incapazes de dar um passo.



6. Correm as vítimas aos medicos especialistas de doenças de olhos e'ell-os impossibilitados, efetivamente, de ir para os campos de batalha.



7. Ao mesmo tempo os empregados da Companhia do Olho do Gaz Vivo aproveitam-se da escuridão para furar a canalisação. Aô!



8. E assim provocam explosões, deliquitos, mortes e muitas coisas mais que no proximo numero verá o leitor curioso.